

SABERES DA DOCÊNCIA E ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MICHELE CRISTINA MOURA

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Educação

As mulheres, política, econômica, social e culturalmente marginalizadas ao longo da história, vivendo nas sombras do mundo doméstico e na penumbra social, contando confidências, trocando receitas, falando em murmúrios nos séculos de submissão a que estiveram sujeitas enquanto teciam o fio do tapete da existência, são elas as grandes conhecedoras da arte de perpetuar a vida através da oralidade.

Jane Soares de Almeida

Este texto é parte integrante da Dissertação de Mestrado “Saberes da docência e práticas de ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental”, produzida no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Professora Doutora Selva Guimarães Fonseca. As raízes dessa investigação situam-se nos anos de 2001 e 2002, período em que realizamos as primeiras análises sobre o ensino de História e a formação de professores. Nossa preocupação voltava-se para os processos de implementação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) nas séries iniciais do ensino fundamental em três escolas da rede de ensino de Uberlândia-MG. Além disso, era objeto de estudo os saberes históricos difundidos e incorporados às práticas pedagógicas dos professores e professoras desse nível de ensino. Na tentativa de construir respostas plausíveis para nossos questionamentos, realizamos entrevistas orais temáticas com três professoras, analisamos o texto do PCN de História e a proposta curricular elaborada pela Secretaria Municipal de Educação em vigor na rede de ensino de Uberlândia-MG.

Durante esse processo investigativo novas questões foram formuladas em torno da formação docente, da constituição dos saberes e das práticas pedagógicas. Tais questões podem ser assim apresentadas: Como os Cursos de Formação Inicial – Licenciaturas em Pedagogia e História da UFU e o Curso de Formação Inicial em Serviço “Projeto Veredas”, convênio UFU/SEE/MG, têm contribuído para a re/construção dos saberes e das práticas de ensino em História? Qual(is) a(s) principal(is) fonte(s) de saberes históricos dos professores e como esses saberes são reconstruídos e mobilizados no cotidiano escolar? Como as professoras concebem os conteúdos

históricos necessários, válidos e “obrigatórios” ao processo de ensino das escolas brasileiras? Quais os significados e os sentidos que as professoras atribuem ao ensino de História? Neste sentido, o objetivo principal de nossa pesquisa foi analisar e compreender os processos de formação inicial e continuada das professoras que ministram o ensino de História em escolas públicas de Uberlândia – MG e a forma como esses processos repercutem na constituição dos saberes e das práticas pedagógicas dos docentes em exercício nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Abordamos o ensino de História inspiradas em autores, tais como: SACRISTÁN (2002); CHARLOT (2002) e NOGUEIRA (2003). Com base nos autores consideramos a realidade e as condições concretas em que vivem e trabalham as professoras. Desse modo, compreendemos que o que somos está em relação direta e/ou indireta com a organização e desenvolvimento das práticas de ensino, com a seleção dos conteúdos a ser ensinados durante o ano letivo, com as práticas avaliativas, com as formas de se relacionar com os alunos, com os outros professores e com a comunidade escolar.

Nessa ótica, a pesquisa descortinou as múltiplas faces formativas dos Cursos de Pedagogia, de História e do Projeto Veredas através das narrativas das professoras. Por intermédio das narrativas, explicações, vivências, pensamentos e ações das professoras, estabelecemos relações colaborativas e comprometidas, eticamente, como as docentes participantes da pesquisa. Isto significa reconhecer o outro não como mero “objeto” ou “fonte” a serviço dos interesses alheios a ele, mas sim como sujeito – professor – pesquisador.

Dessa maneira, compartilhamos com ARNAUS (1995), ao conceber que na abordagem colaborativa, os professores são focalizados como colaboradores da pesquisa e como construtores singulares de conhecimento de suas histórias individuais e coletivas. Para tanto, buscamos inspiração na história oral, especificamente na tendência da história oral temática. Trilhar os caminhos da história oral temática foi um desafio para nós. Ouvir o outro, respeitar seu tempo e seus desejos foi uma experiência nova que permitiu-nos conhecer e refletir sobre quem é professor que atua nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública. Dar voz às professoras possibilitou-nos compreender e captar complexas relações que entrelaçam o viver o fazer num movimento permeado por desejos, esperanças e coragem de ser professora no contexto da escola pública brasileira. Assim, este estudo constituiu-se de múltiplos olhares – da pesquisadora e das professoras – que juntas buscaram descobrir questões, historicamente, silenciadas pela literatura educacional.

Além das entrevistas, utilizamos amplo acervo de fontes bibliográficas, documentos oficiais da instituição, questionários, registros das professoras e alunos. Apesar de trabalharmos com o universo de seis professoras, este estudo não se trata de um estudo de gênero. O grupo investigado se constituiu dessa forma no decorrer da pesquisa, ou seja, não tínhamos como critério inicial a seleção do universo feminino. Entretanto, cabe destacar que a maioria absoluta de docentes que atuam neste nível de ensino, na cidade de Uberlândia é constituída por mulheres.

A formação acadêmica das professoras entrevistadas pode ser caracterizada assim: duas graduadas em Pedagogia, duas em História e duas em processo de formação no Projeto Veredas – Curso Normal Superior desenvolvido em convênio da UFU com a SEE/MG. De acordo com os propósitos dessa investigação, os critérios utilizados para selecionar as professoras giraram em torno da *amostragem estratégica*. Os critérios foram: **1) nível de ensino em que as professoras atuam** – anos iniciais do ensino fundamental; **2) caráter institucional das escolas em que as professoras exercem a profissão docente** – acreditamos que a pesquisa na universidade pública deve, na medida possível, desenvolver-se em colaboração com o professor do ensino público; **3) curso superior em que se formaram ou estão se formando** – Pedagogia e História da UFU e Projeto Veredas – Convênio UFU/SEE/MG. As colaboradoras formadas nos dois primeiros Cursos deveriam ter concluído o processo de formação superior até a data de início da pesquisa (março/2003). No segundo caso, as professoras encontram-se na última etapa do processo de formação. Os critérios de seleção adotados favoreceram a incorporação de experiências formativas diferenciadas.

formas

Durante o processo de busca e encontro com as professoras uma frase nos acompanhou: *Essa é uma pesquisa que retrata heróis não muito reconhecidos, mas frequentemente silenciados* (NOGUEIRA, 2003, p.65). É assim que vemos as narradoras que fazem parte deste trabalho. São heroínas, que vivem de acordo com o que lhes é possível ser e fazer. Heroínas, cujas vozes tivemos acesso, que se dispuseram a reviver momentos marcantes de suas vidas. Reconstruíram momentos que trouxeram, no ato da palavra, lágrimas, sorrisos e silêncios.

Diante do exposto, a pesquisa realizou-se em dois tempos, conforme nos ensina BOM MEIHY. Para o autor são *dois tempos independentes e eventualmente complementares*. *O primeiro é o tempo da constituição de um documento; o outro, o da análise do produto* (1996, p.50).

Para realizar o primeiro tempo "constituição de um documento", inspiramo-nos em THOMPSON (1998) que defende algumas características que o entrevistador deve possuir e colocar em prática na condução e desenvolvimento das entrevistas são elas: interesse e respeito pelos narradores, flexibilidade nas reações em relação aos colaboradores, capacidade de expressar, compreensão e simpatia pela opinião dos sujeitos e, o mais importante, disposição para ficar calado e escutar. Nesse sentido, o diálogo foi permeado pelo respeito mútuo, pela troca de experiências e pelo reconhecimento de que ambos - pesquisador e narrador - são sujeitos que agem e produzem o documento (narrativa) juntos. Como afirma BOSI, *uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa* (1994, p.38, grifos nossos).

A partir desses pressupostos a realização das entrevistas transcorreu em um clima de profunda confiança, carinho e valorização das múltiplas vivências reveladas pelas falas das professoras. Os encontros e diálogos constituíram-se momentos de uma riqueza imensurável. Confessamos que fomos surpreendidas pelo momento da escuta, não imaginávamos que poderíamos nos esquecer, em alguns momentos, do mundo lá fora e nos deixar levar pela fala do outro. O momento da escuta é único! A sensação que tínhamos era de estarmos reconstruindo, juntamente com as narradoras, os acontecimentos, as vivências e as experiências de suas vidas.

Geralmente, antes de iniciarmos as entrevistas, conversávamos um pouco sobre nossas vidas, falávamos sobre os objetivos da pesquisa, sobre a metodologia e o papel importante que cada narradora desempenhava no trabalho em desenvolvimento. Compartilhamos com a autora o sentimento de que é importante conduzir o trabalho de campo com sensibilidade e delicadeza. FONSECA afirma que na condução da pesquisa devemos *sentir os mínimos detalhes e gestos do outro, valorizando-o como sujeito, que detém experiência e sabedoria importantes para as novas gerações* (1994, p.58).

As interlocuções giraram em torno de quatro eixos: dados pessoais, formação inicial, formação continuada e atuação profissional. A temática do ensino de História não foi tratada de forma isolada, sua presença foi constante no diálogo entre pesquisadora e colaboradora. Faz-se necessário dizer que durante as entrevistas algumas questões foram acrescidas pelo fato das narrativas em construção darem margem para outras abordagens.

Após cada encontro seguia-se a fase de transposição dos discursos orais gravados para o discurso escrito. O primeiro passo foi a transcrição integral das fitas gravadas.

Essa tarefa é árdua, solitária, lenta, consome muito tempo, requer do pesquisador muita atenção, empenho e dedicação. Procuramos iniciar esse processo sempre após as entrevistas, no intuito de preservar as lembranças, as emoções, os gestos, os olhares, a entonação da voz, os silêncios, os risos, as expressões faciais, as desconstruções das falas e os detalhes que marcaram os encontros. Segundo FONSECA *isto é importante para que o texto escrito possa expressar, ao máximo, a interação ocorrida entre narrador e ouvinte* (1994, p.57).

Feito essa primeira parte do trabalho, iniciamos o processo de conferência do discurso escrito a partir de uma cópia impressa. Novamente ouvíamos as gravações no intuito de detectar possíveis erros de registro. Ao final dessa etapa encaminhamos a textualização das narrativas. Esse momento é de reorganização e rearticulação da entrevista com o propósito de torná-la compreensível e capaz de despertar prazer na leitura. Como procedeu FONSECA, procuramos também desenvolver um texto claro e que possa *ser ele próprio o emissor de uma compreensão que permita expressar a riqueza da experiência vivida pelos sujeitos* (1997, p.55).

O resultado desse trabalho, que se subdivide em diferentes momentos, é um documento que expressa as narrativas das entrevistadas e da entrevistadora. Embora a pesquisadora tenha sido a personagem que compôs a redação final, o que se encontra aqui são as expectativas, os sonhos, as frustrações e lutas de sujeitos sociais que, historicamente, enfrentam críticas, adjetivações variadas e a imposição externa do que aparentemente é certo e bom para a sua vida profissional.

Nossa intenção foi perceber o que há por detrás das ações das professoras. Compreendemos, agora, com maior clareza que as docentes não agem no vácuo, há uma rede de relações e significados que movimentam e impulsionam o cotidiano de suas práticas no ensino de História. As influências culturais, sócio-econômicas, ambientais, dentre outras, possibilitam o vir-a-ser professora e consolidam maneiras diversas de ser e agir no espaço escolar. Sobretudo, descobrimos que viver a profissão docente é conviver com desejos, esperanças e, principalmente, renovar a cada novo dia a coragem de ser professor.

A leitura e interpretação das narrativas pautaram-se nesses pressupostos e a partir deles centramos nosso olhar nas seguintes dimensões: a) a regularidade e a descontinuidade com que determinadas categorias apareceram nos discursos; b) as diferenças e especificidades presentes em cada narrativa. Nessa perspectiva, para enfrentarmos a tarefa de entendimento das narrativas dentro de um movimento dialético

que pressupõe a não fragmentação dessas duas dimensões valemo-nos das palavras de LARROSA que enfatizam a necessidade de conceber uma certa comunidade a partir da pluralidade, *como um entre de onde se desdobram singularidades* (2001, p.293).

Inspiramo-nos em LARROSA, lembrando que:

A palavra duplica-se cada vez que se comunica. Por isso, comunicação, o dizer-se da palavra, não transporta o único e o comum, mas cria o múltiplo e o diferente. A palavra, que é, que dura, que se mantém sempre a mesma, se multiplica e se pluraliza porque diz, cada vez, algo singular, porque o dizer-se da palavra é, cada vez, um acontecimento único (2001, p.291).

Nosso caminho foi, sobretudo, uma possibilidade de explorar e interpretar as vozes das professoras que lidam, cotidianamente, com o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. E nessa busca de explorar e interpretar o que pensam e vivem as professoras, não temos a pretensão de transmitir o único e comum mas, criar o múltiplo e o diferente.

Auscultar as narrativas das professoras permitiu-nos conhecer e compreender as relações entre os processos formativos desenvolvidos em Cursos Superiores, os saberes docentes e as práticas no ensino de História. Desvelamos um pouco da ampla e complexa trama de saberes e práticas pedagógicas que são constituídas, cotidianamente, no espaço-tempo da escola.

Na busca de uma análise sensível, atenta ao tempo, à diversidade, aos sujeitos, aos lugares, à múltiplas relações de pertencimento das professoras, respeitamos as falas de cada uma delas – que são seres de memória, de cultura e de história. Tentamos, na medida possível, promover o entendimento de suas constituições como professoras, de seus saberes e de suas práticas no ensino de História. Ressaltamos os múltiplos fios que se entrelaçam e influenciam na re/construção dos saberes históricos e da docência.

Ao trilharmos os caminhos da pesquisa com as professoras percebemos que a necessidade de repensar os processos de formação de professores, repensar os saberes, as posturas, as metodologias e as práticas de ensino de História. Reconhecemos que esse movimento é uma tarefa árdua, que requer a participação coletiva dos formadores de formadores e dos próprios professores que atuam nas escolas públicas. Precisamos trabalhar em equipe, de forma dialética e dialógica, abordando o professor como sujeito de seu saber e de seu fazer, como entidade humana, dinâmica, digna e que merece ser ouvida, considerada e valorizada nas suas relações e na sua historicidade, nos seus percursos, práticas e saberes, que está no mundo para aprender, desenvolver e crescer.

Encontramos, no desenvolver da pesquisa, vários fatores que entravam a constituição do professor reflexivo – precárias condições de vida e de trabalho, baixos salários, dobra de turno, pouco tempo para o estudo, falta de recursos pedagógicos na escola. Tais fatores quase nunca são considerados pelas políticas públicas; pelos cursos formação de professores e pela própria tradição do discurso pedagógico que, não assumindo a complexidade do fazer docente, circunscreve a realidade escolar dentro de uma moldura estável e fechada.

Se as condições de vida e de trabalho são precárias, os professores pouco refletem sobre a natureza e produção do conhecimento que têm em mãos, sobre os objetivos e metodologias que desenvolvem nas aulas de História, sobre os recursos didáticos que utilizam e sobre os processos avaliativos que são postos em movimento no espaço da sala de aula.

Constatado está, afinal, que é inviável pensarmos em processos reflexivos no cotidiano da escola (para que os professores, alunos e escola se transformem) se não houver mudanças nas condições de vida e de trabalho dos professores. Associado a isso precisamos re/pensar e re/criar novos caminhos para os processos formativos que são oferecidos aos sujeitos que desejam exercer a profissão docente.

Um dos caminhos para concretizarmos a mudança é ouvir mais os professores, valorizar e incorporar suas vozes que trazem experiências e vivências cotidianas. Talvez, assim, pudéssemos redimensionar os processos formativos – sejam eles iniciais ou continuados. Talvez, assim, pudéssemos re/compor novos currículos e programas de formação docente. Quem sabe assim, valorizando e incorporando as diferentes vozes, tempos e espaços de vivência e formação dos professores, não podemos criar um movimento rico, vivo e interativo de re/construção de identidades, saberes e práticas no ensino de História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP: 1998.
- ARNAUS, R. Vocês que cuentan y vocês que interpretan: Reflexiones en torno a la autoria narrativa en una investigación etnográfica. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: _____ et al. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOM MEIHY, J. C. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p.11-30, jan./jun.2002.
- CABRINI, C. et alii. **O ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CATANI, D. B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____ (Org.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J.; et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- FERREIRA, M. M., AMADO, J. (Orgs.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FONSECA, S. G. **Caminhos da História ensinada**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- _____. **Relatório para Exame de Qualificação**. 1994. 136f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. Ensinar história através de projetos de pesquisa. In: **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, Ed. Dimensão, v.3, n.18, 1997.
- _____. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- _____. O prazer de viver e ensinar história: In: VASCONCELOS, G. A. N. (Org.) **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- _____. Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente. In: CICILLINI, G. A.; NOGUEIRA, S. V. (Orgs.). **Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas**. Uberlândia: EDUFU, 2002.
- GAULTIER, C.; TARDIF, M. O professor como “ator racional”: que racionalidade, que saber, que julgamento? In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; et al. **Formando professores: quais estratégias? quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.) **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- NOGUEIRA, V. **O professor no processo educativo: suas histórias e suas ações**. 2003. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora LDA, 1992.
- RAGO, M., GIMENES, R. A. O. (Orgs.) **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.
- SACRISTÁN, J. G. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.